

DIFICULDADES AFETIVAS E SOCIAIS VIVENCIADAS PELA MULHER CUJO CÔNJUGE RESIDE NO EXTERIOR COMO EMIGRANTE

Agnes Rocha de Almeida¹
Carlos Alberto Dias²

Resumo: Governador Valadares é, internacionalmente, conhecida por exportar mão-de-obra para o exterior. Muitos cidadãos deixam esposa e filhos, assumindo o compromisso de reunir recursos, para em seguida, levá-los consigo. Alguns acabam considerando que isto seria um gasto suplementar devendo ser evitado. Entendem que, economizando, conseguirão rapidamente aumentar seu capital, voltar para o Brasil e gozar de uma vida confortável. As esposas desses deixam de contar com o parceiro para resolverem juntos os problemas cotidianos, e atender suas necessidades sexuais. A realidade vivida por tais mulheres, incita a formulação da questão: *Quais são as dificuldades afetivas e sociais vivenciadas pela mulher cujo cônjuge reside no exterior como emigrante?* Objetivando responder essa questão, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, onde 62 esposas de emigrantes foram entrevistadas. Os resultados apontam para a importância da prática sexual como fator de equilíbrio psíquico dos indivíduos e para a manutenção do relacionamento conjugal.

Palavras-chave: Relação conjugal; Emigração; Sexualidade; Isolamento sexual.

Abstract: Internationally, Governador Valadares is known as exporter of manual labor abroad. Many citizens leave their wives and children, taking on a commitment to accumulate resources and then taking them home. Some eventually consider this as additional expenses to be avoided. They

¹ Psicóloga Clínica, especialista em Dependência Química e Outros Transtornos Compulsivo, psicóloga da Prefeitura Municipal de Gonzaga.

² Doutor em Psicologia Clínica, professor da Universidade Vale do Rio Doce -MG.

understand that by saving they will be able to increase their capital quickly, return to Brazil and then enjoy a comfortable life. Their wives cannot count on their partners any more to solve their daily problems together, and to attend to their sexual necessities. The reality lived by such women, provokes the formulation of the question: *What are the affectionate (emotional) and social difficulties lived by a woman whose husband lives abroad as an emigrant?* To answer this question bibliographical research and a case study were carried out, in which 62 emigrants' wives were interviewed. The results point to the importance of sexual practice as a factor in mental balance of individuals and to the maintenance of the conjugal relationship.

Keywords: Conjugal relationship; Emigration; Sexuality; Sexual isolation.

Considerações introdutórias sobre a emigração

Em decorrência da crise econômica e social vivenciada pelos brasileiros, sobretudo nas décadas de 80 e 90, tem-se observado um aumento gradativo dos movimentos migratórios dirigidos para o exterior (PATARRA, 1995). Os brasileiros que deixam o País buscam, efetivamente, obter uma remuneração financeira maior do que aquela que lhes tem sido oferecida. Na partida, existe um compromisso de cada emigrante, bem como dos familiares que são impedidos de acompanhá-los, de tudo fazer para que as condições financeiras da família sejam melhoradas.

Governador Valadares é conhecida, nacionalmente, por ser uma cidade que se converteu em palco de duas realizações: a primeira é relativa ao grande percentual de cidadãos que vivem no exterior, e a segunda, diz respeito à indústria de passaportes falsificados. Tais passaportes, que normalmente possuem um visto de entrada verdadeiro, são adulterados e vendidos àqueles que, por apresentarem características de imigrantes, dificilmente seriam contemplados com um visto de entrada, sobretudo nos Estados Unidos da América. Esse país, apesar de já ter acolhido grande número de brasileiros, continua sendo a destinação privilegiada dos emigrantes. Deve-se ressaltar que esse grupo de cidadãos que partem para o exterior não é composto apenas por valadarenses, mas também, por indivíduos pertencentes a diversas outras comunidades localizadas na Região do Vale do Rio Doce.

SCUDELER (1999), baseando-se numa pesquisa de campo realizada no período de 10 a 31/07/1997, em Governador Valadares, observou que o fluxo emigratório compõe-se basicamente de trabalhadores jovens, com idade entre 20 e 34 anos. Embora exista uma tendência de que as mulheres participem

cada vez mais desse fenômeno, a autora observou que a participação do sexo masculino é predominante. Os resultados revelaram que tais indivíduos são pertencentes em sua maioria, às classes média e média baixa e com nenhum domínio da língua inglesa. Quanto à educação escolar, foi constatado que 13% dos emigrantes são universitários.³

Raros são os emigrantes capazes de ocupar postos de trabalho de nível técnico ou superior. A baixa escolaridade dos brasileiros emigrantes, uma preparação técnica que não coincide com aquela praticada no país de destino e, sobretudo, o fato de que grande número vive em situação irregular, fazem com que obtenham oportunidade de trabalho basicamente, em setores secundários. Efetivamente, trabalhos que requerem nenhum ou pouco treino e se encontram na mais baixa escala de salários (SALES, 1995). Embora as atividades desenvolvidas no exterior sejam aquelas normalmente rejeitadas pelos cidadãos do país de acolhida, e, portanto de menor remuneração, os emigrantes conseguem sobreviver e ainda enviam dinheiro para realizar investimentos no Brasil. Para que tais investimentos sejam possíveis, o emigrante se vê obrigado a possuir vários empregos, cumprindo uma jornada de trabalho em torno de 18 horas.

Tal realidade põe em questão o motivo que leva o brasileiro a trabalhar tanto para ganhar menos que um europeu ou um americano. Mesmo considerando esse aspecto, os salários são, indubitavelmente, maiores que os do Brasil. Trabalhando em dois empregos de melhor remuneração, considerando a condição de imigrante, é possível um salário entre U\$1500 a U\$3500 por mês. A possibilidade de alcançar tal remuneração continua sendo um atrativo para grande número de pessoas que se esforçam por deixar o Brasil. O migrar tornou-se um projeto não individual, mas coletivo, assumido por toda a família. Embora redundante, é importante considerar que aqueles que permanecem no Brasil, dividem as responsabilidades e as aspirações concernentes a uma melhoria das condições de vida.

Em função do alto custo de vida no exterior, para que se torne possível economizar e investir no Brasil, os imigrantes se submetem a precárias condições de habitação e escassas oportunidades de lazer. O brasileiro que vive no exterior tem um estilo de vida baseado no trabalho, e não, em diversões, cultura, viagens. O dinheiro economizado é enviado à região de origem. A título de ilustração, convém salientar que em 2001, a cidade de Governador Valadares recebeu cerca de 2 milhões de dólares por mês (BRAGA e MAZZINI, 2001).

³ <http://www.comciencia.br/reportagens/migra%E7%F5es/migr17.htm>.

A prefeitura de Governador Valadares estima que cerca de 40000 valadaresenses vivem nos EUA. Muitos desses cidadãos conseguem, de fato, residir e trabalhar no exterior durante longos períodos. Em torno de 52% dos imigrantes já vivem no exterior há 5 anos ou mais, podendo chegar a até 27 anos (SCUDELER, 1999).

No intuito de dar maior conforto à família, o emigrante deixa para trás esposa e filhos. Na tentativa de tornar menos sofrida a separação, parte dos maridos assumem com suas esposas o compromisso de, uma vez no exterior, reunir recursos financeiros que tornem possível a compra de passagens para que ela e as crianças possam juntar-se a ele no país onde se encontra. Entretanto, raramente esse compromisso é cumprido. Geralmente os emigrantes permanecem sozinhos no exterior, convencendo seus familiares de que seu retorno ao Brasil será breve. Isso por considerarem que a ida da família para o exterior, será na verdade, um gasto suplementar que deve ser evitado. Com essa medida, crêem que mais rapidamente conseguirão aumentar seu capital no Brasil, de forma que a permanência no exterior deixe de ser uma necessidade.

O que normalmente tem sido observado é que o tempo necessário para o retorno daqueles que partem ultrapassa, em muito as expectativas dos envolvidos. Via de regra, quando os emigrantes têm a oportunidade de visitarem seus familiares no Brasil, apresentam dificuldades em adaptar-se novamente à família. Esses sujeitos passam a encarar o Brasil como o país onde passar férias.

Envolvidos com o árduo e bem remunerado trabalho no exterior, grande parte dos emigrantes delegam às esposas, a tarefa de gerir os investimentos feitos no Brasil. Quando retornam ao País para visitarem seus familiares, implicitamente é estipulado que as esposas devem cuidar para que seus maridos se sintam efetivamente de férias. Nesse caso, não é esperado que os maridos se ocupem em administrar qualquer que seja o tipo de problema.

As esposas dos emigrantes devem se resignar à solidão. Elas devem acreditar que a vida será melhor e, ainda, aguardam pacientemente o retorno de seus maridos. Acredita-se que a ausência prolongada do marido no seio familiar contribui para que as esposas apresentem modificações em sua rotina diária e em seus hábitos sociais. Em termos globais, os diversos comportamentos assumidos por mulheres que vivem tal situação, podem ser organizados em dois grupos distintos.

O primeiro grupo assume uma atitude de cuidados suplementares com o corpo, participando de aulas de academia, dança, caminhadas. Essas mulheres

investem o dinheiro enviado pelo marido em cursos, roupas, carro; enfim, procuram atualizar-se quanto à moda e passam a participar mais ativamente da sociedade, deixando para trás a noção de “mulher dona de casa”. Seus filhos passam a freqüentar melhores escolas, a terem mais acesso a atividades esportivas e a serem mais bem assistidos em termos de saúde.

As mulheres do segundo grupo aumentam o comportamento sedentário, adotam como hábito a superalimentação e, por conseqüência, acabam por adquirir peso. Além das mudanças relativas à alimentação, tendem a adotar o comportamento consumista, adquirindo aparelhos de som, DVD e outros, que proporcionam diversão sem que seja necessário sair de casa.

Além das modificações citadas, percebe-se que a ausência prolongada do esposo traz, para a mulher, outras conseqüências que merecem maior atenção. Além do fato de a mulher não mais poder contar com o parceiro para discutirem e buscarem juntos resolver as diversas situações que afligem os membros da família no dia-a-dia, ela perde também, por longos período, seu parceiro sexual.

Ressalta-se que a sociedade espera da mulher um comportamento de fidelidade em relação a seu marido, não considerando que um dos motivos para o matrimônio é o de possibilitar ao outro o direito e a prática sexual, de forma a garantir o bem estar geral dos envolvidos. Nessa forma, no período em que o marido se encontra ausente, a mulher deve conseguir, de alguma forma, apaziguar seu “instinto sexual”. Acredita-se que aquelas que desejam manter-se fiéis apelam para as práticas auto-eróticas; outras, no entanto, não colocam a fidelidade como uma obrigação e optam por um relacionamento extraconjugal.

Embora possível a fidelidade é questionável. Por um lado, existe o fato de a mulher ter filhos e se dedicar a eles de forma a não se relacionar com outras pessoas que não sejam da família; que, de certa forma, cobra delas uma restrição social. Por outro lado, existem mulheres que distantes da vigilância familiar, buscam uma vida social mais ativa, o que pode ocasionar envolvimento afetivo ou sexual com alguma pessoa desse meio.

É importante considerar que a carência dessas mulheres, demonstrada no apego aos filhos ou no envolvimento com outros homens é, muitas vezes, uma forma de suprir a necessidade de estar com seu marido.

Em alguns casos, observou-se que a mulher não consegue permanecer muito tempo sem seu parceiro, acabando por pedir o divórcio, tornando socialmente possível que ela se envolva em uma nova relação. Algumas mulheres iniciaram

o processo de divórcio em função das dificuldades de readaptação, após o retorno definitivo do marido.

Essa dificuldade de readaptação ocorre em decorrência do fato de que os cônjuges, permanecendo longo tempo sozinhos, adquirem comportamentos que não são aceitos pelo parceiro. Nos momentos de desentendimentos do casal, com frequência pode-se ouvir acusações do tipo: *“Agi assim desde que você partiu e agora tenho que mudar?”* Ou *“Acostumei a agir assim e agora tenho que dar satisfações?”*.

Como é possível observar, o movimento migratório não atinge apenas questões de cunho financeiro, mas, cria dificuldades para os sujeitos, comunidade e, em última instância, para a sociedade como um todo. Esse processo que, de certa forma, reflete uma incapacidade do Estado de criar condições adequadas para que os cidadãos possam viver com dignidade em seu próprio país, tende a provocar distúrbios na relação conjugal e, por consequência, interfere na família, produzindo sua desagregação.

Não é difícil imaginar que, com o distanciamento do marido, esposa e filhos se vejam, dia a dia, numa situação de violência. Uma violência consentida pelos sujeitos envolvidos e considerada positiva pela comunidade. Não se trata de uma violência ostensiva, mas, de uma violência cujos efeitos são muito mais duradouros. Os filhos perdem a presença do pai e, nessa ausência, todo um conjunto de descobertas a serem feitas em família deixa de se tornar uma realidade. Essa situação de abandono, que normalmente é compensada com bens materiais, gera, por sua vez, o embotamento das autênticas emoções que se constroem no dia-a-dia e, inevitavelmente, cria a possibilidade da repetição.

A mulher que sonhou ter um dia alguém com quem dividir seus sonhos, alguém para acompanhar cada conquista, cada passo dos filhos que juntos decidiram ter, vê-se responsável por desenvolver, solitariamente, uma tarefa para a qual raramente está de fato preparada. Além disso, ela sente necessidade de esquecer que é mulher. Para sua tranquilidade, a única coisa de que pode se lembrar é de que é mãe e que, como mãe, deve esperar o retorno do pai de seus filhos. Seguramente pensar no que signifique ser esposa, no que representa ter um marido, faria com que ela pensasse no compromisso sagrado assumido no dia do matrimônio: viver a sexualidade como um alimento para a fidelidade, uma arma no combate a qualquer ato que possa colocar em risco o compromisso assumido diante do juiz ou do altar.

O ato sexual, segundo KUSNETZOFF (1987, p.27), é um momento de íntima união; momento no qual o sujeito deixa para trás, por alguns instantes, as

preocupações e desgostos. Tal prática, além de contribuir para o estabelecimento de uma maior cumplicidade na vida do casal, colabora também para o alívio de tensões. Em termos globais, a prática sexual contribui para a harmonia conjugal e o bem-estar pessoal. Viver adequadamente a sexualidade facilita a manutenção da auto-estima do sujeito, bem como mantém intacta sua identidade sexual.

Considerações sobre o matrimônio e sexualidade sob a perspectiva social

REICH (1996) considera que o casamento visa atender três funções primordiais: econômica, política e social. Em termos econômicos, o casamento teve um desenvolvimento histórico paralelo à história da evolução da propriedade privada e dos meios de produção. Segundo REICH, enquanto houver propriedade privada, sobretudo atrelada aos meios de produção, o casamento será socialmente necessário.

Em termos políticos, o casamento monogâmico representa a fonte que prepara cada membro da família para atuar na sociedade. A família se estrutura, efetivamente, de forma similar à estrutura social, onde o pai exerce o poder político-autoritário enquanto mulher e filhos cumprem o papel de fiéis cidadãos.

Em termos sociais, o casamento visa a defesa e a proteção dos membros da família e dos bens que lhe pertencem. No tocante à função social, LOBO (2004) relembra o desenvolvimento do Estado Social ao longo do Século XX, que se caracterizou pela intervenção sobre as relações privadas e pelo controle dos poderes econômicos, objetivando a proteção daqueles que antes eram marginalizados.

O Estado Social interveio sobre a família, com o intuito de garantir a seus membros a dignidade, a igualdade de valores e a importância social. Nesse contexto, a palavra de ordem é a solidariedade e a promoção da justiça social. Tal intervenção não foi criada ao acaso; ela surgiu em decorrência das mudanças nas relações familiares.

A família assume, cada vez mais, um papel centrado na qualidade das relações entre as pessoas e no desejo de cada um. Se, antes, o equilíbrio da estrutura familiar estava centrado na consangüinidade, a cada dia mais, esse equilíbrio é obtido através das relações de afeto e na qualidade da convivência entre os membros.

LOBO considera que, na atualidade, a função básica da família é a realização pessoal da dignidade humana, no ambiente de convivência e solidariedade. Acrescenta ainda, que as funções econômica, política, religiosa e a de procriação se encontram em segundo plano.

A respeito dessa convivência REICH (1966) relata em seu livro um caso publicado no jornal “*Pester Bloyd*”, em 1929. Tal caso dizia respeito à introdução de uma disciplina nas escolas públicas que ensinaria os alunos a jogar o “Bridge” (jogo de cartas), com a intenção de que eles pudessem jogá-lo com seus futuros cônjuges.

O que se defendia, na época, era a idéia de que se os cônjuges soubessem jogar cartas, eles teriam oportunidade de se divertir dentro de casa, ao invés de cada um sair sozinho para buscar diversão com os amigos. Além de manter uma vida conjugal sólida, o casal poderia exercer boa influência sobre os filhos e ter a afetividade como núcleo das relações.

Há que salientar que, no casamento, a sexualidade é um fator de fundamental importância para, fortalecer os laços afetivos e os de convivência. Desde que não afete negativamente a dignidade dos envolvidos, o relacionamento sexual, só tem a contribuir, para que o casal tenha intimidade e respeito, um pelo outro.

Considerando a afetividade como elemento nuclear e definidor da união familiar para a sociedade atual, observa-se que as famílias que se encontram “desmembradas”, ou seja, em que um de seus membros encontra-se ausente do domicílio conjugal, perdem a garantia de ter a afetividade como núcleo de suas relações.

Com base nessas considerações, pode-se dizer que essas, têm, como núcleo de suas relações, a economia, e não, a afetividade. Embora o trabalho como uma forma de garantir o sustento e conforto da família seja aceito, o abandono do domicílio conjugal não é socialmente visto com bons olhos e, ao mesmo tempo, não garante a continuidade da unidade familiar.

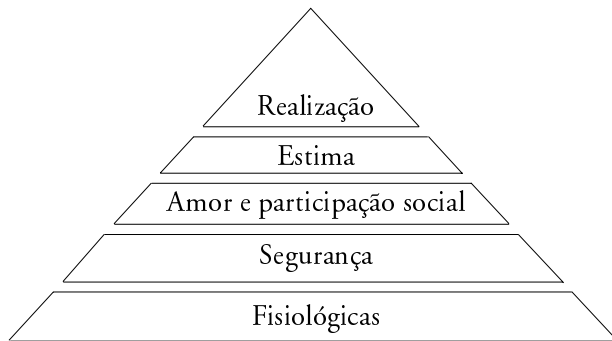
A separação física da família observada quando o marido vai sozinho para o exterior, faz com que todos os seus membros sejam vítimas de especulação social. Essa especulação ocorre quando pessoas alheias ao seio familiar levantam questões a respeito da situação vivenciada. As crianças são questionadas a respeito da existência do pai, o marido tem de defender a necessidade da mudança de país para trabalhar, e a esposa tem que prestar contas a respeito da gestão do dinheiro enviado pelo marido e a respeito do seu comportamento social.

Com a ausência do marido, toda a família fica sujeita a um número elevado de especulações provenientes do meio social. Diante de tais especulações, inicia-se em cada um dos membros da família “desprotegida”, a geração de sentimentos normalmente negativos, fazendo com que a vida dos mesmos se torne menos confortável do que anteriormente poderia se esperar.

Considerações psicológicas sobre sexualidade e prazer na vida conjugal

Maslow (HALL e LINDZEY, 1973) oferece importante contribuição para o presente estudo ao tratar da teoria da “Hierarquia das Necessidades”. Esta teoria supõe que o homem tem determinadas necessidades, e essas, estão dispostas hierarquicamente, conforme a pirâmide abaixo:

Figura 1: Hierarquia das Necessidades – Pirâmide Motivacional.



As necessidades fisiológicas são aquelas relacionadas às necessidades mais básicas do indivíduo, tais como a fome, a sede, o sono, o sexo. Essas são mais prementes e dominam fortemente o comportamento, quando não se encontram satisfeitas ou razoavelmente satisfeitas.

Uma pessoa dominada por essa necessidade tende a perceber apenas aqueles estímulos que visam satisfazê-la. Sua visão de presente e futuro fica limitada e determinada por tal necessidade.

É nesse sentido que Maslow ressalta ser impossível a uma pessoa faminta pensar em conceitos abstratos como liberdade, amor, sentimentos humanitários e respeito, pois, tais pensamentos não podem satisfazer à necessidade fisiológica imediata.

As necessidades de segurança surgem na medida em que as fisiológicas estejam razoavelmente satisfeitas. Levam as pessoas a protegerem-se de qualquer perigo, seja ele real ou imaginário, físico ou abstrato (GUIMARÃES, 2004).

Após a satisfação das necessidades acima, surgem as necessidades de amor, afeição e participação. Segundo Maslow, essas se referem à necessidade de afeto das pessoas que consideramos (namorado, filhos, amigos). Para ele, a frustração dessa leva à falta de adaptação e a psicopatologias graves no ser humano.

As necessidades de estima dizem respeito às necessidades ou desejos das pessoas de uma auto-avaliação estável e de uma auto-estima firme. A satisfação dessa gera sentimentos de autoconfiança, de valor, de capacidade e sentimento de utilidade. Quando não saciadas, geram sentimentos de inferioridade, fraqueza e desamparo.

As necessidades de auto-realização são necessidades de crescimento e revelam uma tendência de todo ser humano em realizar, de forma plena, o seu potencial. O aparecimento dessas supõe que as anteriores estejam de certa forma, satisfeitas.

Existem, contudo, condições para que as necessidades fundamentais possam ser satisfeitas: a liberdade de falar e agir como se deseje, desde que não interfira no direito alheio, a liberdade de investigar e procurar informações, a liberdade de se defender e buscar justiça. Todas essas condições são, de fato, pré-condições para a satisfação das necessidades.

Embora seja importante que se procure atentar para todas as necessidades, não podemos perder de vista aquelas que se situam no primeiro nível. Como foi dito, uma pessoa dominada por tais necessidades não estará apta a cuidar daquelas que se situam em níveis superiores.

Considerando essa hierarquia, pode-se entender que a privação sexual, ou o não atendimento da necessidade sexual (vida sexual incompleta) tende a debilitar, a frustrar o sujeito. Estando o sujeito preso à sua frustração, torna-se difícil para o mesmo direcionar sua atenção à realização de outras aspirações.

No caso das mulheres que vivem em isolamento sexual por motivo de viagem do marido por tempo prolongado, é importante considerar que sua frustração se dá por estar vivendo uma situação que não desejou. Embora existam combinações e promessas entre o casal no momento de decidir pelo distanciamento, quando se percebe sozinha, a mulher acredita que não foi para isso que se casou. Pelo contrário, casou-se para estar unida a alguém em todos os momentos de sua vida, sejam eles bons ou ruins.

Seguindo essa linha de raciocínio, Rogers (*Apud* FADIMAN, 1986) considera que qualquer relação íntima, em longo prazo, tal como no casamento, deve-se focalizar sobre quatro elementos básicos: compromisso contínuo, expressão

de sentimentos, não-aceitação de papéis específicos e capacidade de compartilhar a vida íntima. Ele resume cada elemento como uma promessa, apoiando-se sobre o ideal de um relacionamento contínuo, benéfico e significativo.

Essas promessas têm a intenção de propiciar ao casal uma melhor qualidade no relacionamento, proporcionando aos mesmos, crescimento psicológico e acima de tudo, maior congruência por parte de cada um. Ambos devem investir na busca da satisfação mútua. O não cumprimento dessa promessa pode impedir que o casamento se mantenha. O distanciamento do casal faz com que a relação se torne sofrível, angustiante e os sujeitos acabem perdendo o sentido de dar continuidade à relação.

Considerações sobre a emigração e o isolamento sexual na perspectiva das esposas dos emigrantes

A situação apresentada, bem como a questão da saúde psicológica das pessoas envolvidas por essa problemática, levou à formulação da questão que ocupa o centro das reflexões deste estudo: *A que consequências físicas e psíquicas estão sujeitas as mulheres vítimas do isolamento sexual?* Além desta, outras questões também foram objeto de investigação: *Após a partida de seus maridos, que hábitos e comportamentos tendem a ser adotados por tais mulheres? Que tipos de sentimento a ida do marido para o exterior provoca nessas mulheres? Como as mulheres vítimas do isolamento sexual, analisam a situação por elas vivenciada?*

Para a realização deste estudo, utilizou-se tanto da pesquisa bibliográfica quanto de uma pesquisa de campo. Além de possibilitar o conhecimento da emigração e da importância da prática sexual para o equilíbrio do indivíduo e para a continuidade da vida conjugal, a pesquisa bibliográfica contribuiu para a elaboração de um questionário que serviu de instrumento de coleta de dados por ocasião da pesquisa de campo.

A amostra é constituída de 62 mulheres casadas ou que foram casadas, cujos maridos vivem ou viveram no exterior por um período mínimo de três meses bem como aquelas cujos maridos submeteram-se ou se submetem a sucessivos períodos de permanência no exterior, com durabilidade mínima de um ano. A idade média das entrevistadas é 33 anos e o tempo médio de relacionamento conjugal é de 12 anos, estando isoladas acerca de 3 anos. O desejo de melhorar a situação financeira da família foi o principal motivo da ida do marido para o exterior (47%). O acúmulo de dívidas e a falta de emprego constituem-se juntos (40,9%) no segundo maior motivo da emigração. No caso em questão, a busca pela melhoria da condição financeira não significa, necessariamente que a família se encontra em dificuldades

financeiras. Esse desejo pode estar ligado à necessidade de status ou busca de maior conforto para a família.

Conforme pode ser observado na Tabela 1, com a partida do esposo diversos sentimentos passaram a fazer parte do cotidiano das mulheres. Dentre as entrevistadas 28,8% sentiram-se felizes, pois mesmo estando longe os maridos, estes não deixavam de prestar assistência e dar afeto. 25,8% do grupo sentiram-se confiantes, pois acreditavam que o sacrifício seria recompensado pela estabilidade financeira. O somatório dessas duas percepções (54,6%) supera os sentimentos negativos que também fazem parte do dia a dia dessas mulheres.

Tabela 1: Amostra repartida conforme sentimentos
diante da ida do marido para o exterior.

Amostra repartida sobre os sentimentos diante da ida do marido	%
Feliz, mesmo longe estava comigo	28,8
Triste, era difícil estar só	25,8
Confiante, valeria a pena o sacrifício	25,8
Tive medo de perde-lo	15,2
Preocupada com seu bem-estar	3,0
Outra	1,5

Os sentimentos negativos que totalizam 45,4% estão descritos na Tabela 1, apresentando os seguintes percentuais: 25,8% sentiram-se tristes, pois achavam difícil ficar sozinhas, 15,2% tiveram medo de perder o esposo e 3,0% sentiram-se preocupadas com o bem-estar do marido (distância da família e riscos por sua viagem ilegal).

De fato os sentimentos diante da ida do marido para o exterior são em sua maioria, positivos, entretanto, há que se ressaltar que, esses sentimentos são observados nos primeiros meses de separação, mais especificamente, quando o marido ainda enviava as primeiras remessas de dinheiro. Nesse período, a mulher ainda estava em um curto período de isolamento e, tudo lhe era novo e excitante.

Conforme pode ser observado pela Tabela 2, com a ausência do esposo a mudança mais significativa ocorrida nos hábitos femininos foi, a intensificação do convívio social (26,2%). Esse convívio social estava relacionado em sua maioria aos parentes e filhos.

Durante a entrevista, muitas mulheres se queixaram da especulação dos vizinhos sobre sua vida social e, por esse motivo, evitavam sair de casa sozinhas ou freqüentar ambientes, que não fosse a casa de parentes. As mulheres que começaram a freqüentar uma Igreja (23%), além de buscarem apoio espiritual para suportar a situação, buscavam, de certa forma, manter contato com outras pessoas, sem se sentirem vítima de especulação. Outras mulheres (3,3%), se sentiram tão afetadas por essa especulação, que preferiram parar de sair de casa. A alternativa “outra”, diz respeito a, começar a estudar, parar de fumar, trabalhar mais ou dormir menos.

Quando a mulher, está a um certo tempo isolada do marido, ela apresenta sensibilidade a determinadas situações relacionadas ao que ela não possui, ou ao que ela almeja. Uma dessas situações, é exemplificada na Tabela 4, no qual é demonstrado os sentimentos da mulher de um emigrante, frente a casais que moram juntos, ou seja, quando ela vê a mulher morando na mesma casa, que seu marido.

Tabela 2: Amostra repartida conforme comportamentos adotados.

Amostra repartida sobre o comportamento adotado após a partida do marido	%
Aumentei vida social	26,2
Comecei a freqüentar a Igreja	23,0
Almoçar fora de casa	12,3
Comecei fazer academia	10,7
Dormir ou comer mais	8,2
Outra	8,2
Não houve mudanças	4,1
Assumi as tarefas da casa	4,1
Isolei-me socialmente	3,3

Apesar das mudanças de hábitos, o sentimento de solidão assombra o dia-a-dia dessas mulheres. Nesses momentos, procuram recursos que as façam suportar a provação visando garantir a continuidade de sua vida matrimonial, como pode ser observado na Tabela 3. Diante da solidão, a reação mais comum entre elas é a de pedir forças a Deus (39,4%) e quando se analisa essa reação, percebe-se que, a mulher não compartilha com outras pessoas, essa sua necessidade de força. Enfim, pedir forças a Deus, é uma forma de

se isolar socialmente, assim como tomar remédios, trancar-se no quarto, trabalhar, chorar ou ver fotos do casal (dentro da alternativa outra), o que demonstra que 59,5% das mulheres ficam isoladas não só do esposo, como também da sociedade.

Tabela 3: Amostra repartida conforme reação diante da solidão.

Amostra repartida conforme reação diante da solidão	%
Peço forças a Deus	39,4
Eu saio para me distrair	15,2
Converso com alguém	16,7
Outra	15,2
Telefone para ele	9,1
Tomo remédios	4,5

Observa-se na Tabela 4, que a maioria das respostas se refere ao conformismo (27,4%). Este sentimento se dá, pelo fato de que, as mulheres acreditam que em pouco tempo, seus maridos estarão de volta. Embora o conformismo, aparentemente não seja um sentimento negativo, ele pode ser considerado como negativo quando se analisa o fato de que, tais mulheres ficam à espera da volta do marido e essa expectativa, mesmo não gerando sentimentos relacionados a outros casais, provoca uma vivência carregada de ansiedade.

Tabela 4: Amostra repartida conforme sentimentos
diante de casais que moram juntos.

Amostra repartida conforme sentimentos diante de casais que moram juntos	%
Eu me sinto conformada	27,4
Eu me sinto angustiada	25,8
Eu sinto inveja	24,2
Outro	11,3
Eu sinto pena delas	6,5
Eu me sinto rejeitada	4,8

Os sentimentos negativos totalizam de fato 54,8%, sendo eles: a angústia, a inveja e o sentimento de rejeição. Esses dados colaboram para atestar, o quão negativos podem ser os sentimentos apresentados pelas mulheres, após algum tempo de isolamento.

Conforme pode ser observado na Tabela 5, as três primeiras consequências do distanciamento do marido são psicológicas e negativas: ansiedade (25,2%), tristeza (13,5%), irritação (10,4%), o que totaliza 49,5% e, positivamente, se observa que apenas 9,8% dos sentimentos diz respeito a felicidade e liberdade.

No tocante às consequências físicas positivas, 16% se percebem mais magras e mais bonitas, o que reflete o investimento no cuidado com o corpo. Ainda nesse aspecto, como consequências negativas, observa-se que 9,8% se sentem mais feias e mais gordas.

Tabela 5: Amostra repartida conforme consequências físicas e psíquicas após a partida do esposo.

Amostra repartida sobre as consequências físicas e psíquicas após a partida do esposo	%
Mais ansiosa	25,2
Mais bonita, mais magra	16,0
Mais triste	13,5
Mais impaciente	12,3
Mais irritada	10,4
Mais livre, mais feliz	9,8
Mais feia, mais gorda	9,8
Outra	3,1

Convém salientar que, durante as entrevistas, muitas mulheres informaram que, a ausência do marido só lhe trouxeram, mudanças psíquicas e não físicas. No entanto, era visível o descuido com o corpo e com o modo de se vestir. Este descuido poderia ser compreensível, quando a mulher não tem tempo para se cuidar, por trabalhar o dia inteiro, ou quando ela não tem condições financeiras para tal desfrute. Em relação a essas mulheres entrevistadas, esse não era o caso.

Embora o tempo e a distância, tenha o poder de reduzir sentimentos de união de um sujeito para com o outro, pode-se observar a partir da Tabela 6, que a maioria (73,7%) das mulheres deseja ou aguardam o reencontro com seus maridos. Uma pequena parcela (18,2%) preocupa-se prioritariamente com a melhoria das condições financeiras, ou sentem como positivo o distanciamento de seu cônjuge. As mulheres que responderam que a vida está melhor com ele longe (4,5%) pediram a separação. As que optaram pela alternativa “outra” aguardam o fim de ano para se juntarem à seus esposos no exterior.

Tabela 6: Amostra repartida sobre a opinião atual em relação à emigração do esposo

Amostra repartida sobre a opinião atual em relação à imigração do esposo	%
Quando ele voltar ficaremos juntos	28,8
Seria melhor se ele desistisse	22,7
Foi bom, vida financeira está melhor	18,2
Prefiro ele perto de mim, a ter dinheiro	16,7
Está difícil, mas não posso falar nada	6,1
Minha vida está melhor com ele longe	4,5
Outra	3,0

Considerações Finais

Em relação à questão, *quais as consequências físicas e psíquicas estão sujeitas as mulheres vítimas do isolamento sexual?*, respostas podem ser obtidas tanto na literatura quanto no discurso das entrevistadas. Segundo ALENCAR, a frustração faz com que o sujeito vivencie uma situação de tensão. Como reação a essa tensão, o sujeito pode se mostrar ativo ou apático; assumir comportamentos regressivos (comportamento imaturo); agredir a fonte de frustração ou deslocar a agressão para objetos substitutivos.

A análise dos dados obtidos por pesquisa de campo, revelou que a apatia ou indiferença se manifestou nas mulheres entrevistadas, após um longo tempo sem o esposo. Efetivamente, muitas passaram a ignorar os estímulos sexuais, evitando o sentimento de frustração, por não encontrarem uma

forma de atender tais estímulos. A ansiedade é outro sentimento que faz parte do dia a dia de grande parte dessas mulheres. Esse sentimento tende a se manifestar no momento de cuidar dos filhos, de investir o dinheiro enviado pelo esposo e, ainda, no seu convívio social. A ansiedade tem se manifestado, sobretudo, quando tais mulheres tomam consciência de que estão sozinhas, faltando, portanto, a presença e o apoio do esposo.

As principais consequências psíquicas identificadas pelas mulheres que fizeram parte da amostra foram: ansiedade, tristeza, irritação, impaciência, liberdade, felicidade; 9,8% das entrevistadas citam o sentimento de liberdade como algo decorrente do distanciamento de seus cônjuges.

Em temas físicos, 16% passaram a cuidar mais do próprio corpo, indo à academias, o que provocou o emagrecimento e aumento de sua auto-estima; 9,8% das entrevistadas sentiram-se mais feias, devido ao aumento de peso e descuido para com a própria aparência física.

Em relação à pergunta, *Após a partida de seus maridos, que hábitos e comportamentos tendem a ser adotados por tais mulheres?*, não foram encontradas respostas na literatura consultada. O que a observação tem deixado transparecer é que as mulheres de emigrantes se tornam o centro das atenções em seu meio social. As pessoas que as conhecem estão sempre especulando sobre o seu comportamento social, sobre os investimentos financeiros, e outros.

Na tentativa de evitar essas especulações, muitas mulheres alteraram sua rotina. Bom número delas afirmaram que, diante de tais especulações, passaram a sair sempre acompanhadas dos filhos ou de algum parente (de preferência, do sexo feminino); outras começaram a frequentar a Igreja e se limitaram a este espaço de convivência social; algumas, ainda, chegaram a isolar-se totalmente do meio social.

Diante do sentimento de solidão, uma das reações mais encontradas é o isolamento: 59,9% das mulheres buscam distanciar-se do convívio social, envolvendo-se em atividades que pouco contribuem para evitar a depressão: oram, choram, vêem fotos do casal ou tomam remédios para dormir. Uma das entrevistadas fez a seguinte revelação: *“Quando me sinto sozinha, eu me tranco no quarto, choro toda minha dor. As pessoas acham que é frescura minha; então, prefiro mesmo ficar sozinha”* (C. 38 anos).

As mudanças observadas no comportamento das mulheres no tocante ao relacionamento social e lazer somam 64,7%. No tocante aos hábitos alimentares e cuidados com o corpo, somam 18,9%.

Em resposta à pergunta *Que tipos de sentimento a ida do marido para o exterior provoca nessas mulheres?*, faz-se necessário atentar para os dados obtidos em duas perguntas do questionário, a saber: *como você se sentiu a partir das providências tomadas por seu parceiro logo que ele se estabeleceu no exterior?* e *Como você se sente quando vê outras mulheres casadas vivendo na mesma casa que seus maridos?*

Embora as perguntas sejam diferentes, elas abordam sentimentos que, fazendo parte da vivência da mulher do emigrante no seu dia-a-dia, tendem a provocar elevado nível de sofrimento.

O que se observa é que, logo após a partida do marido, a mulher ainda estava cheia de expectativas no tocante à possibilidade de melhorar de vida financeiramente, desta maneira, ela ainda não tinha experimentado sentimentos de solidão. É nesse sentido que, dentre as diversas respostas um maior número apontam para sentimentos positivos (51,6%): felicidade (28,8%), tristeza (25,8%), confiança (25,8%), medo (15,2%), preocupação (1,5%) e outras (1,5%).

Quando a ausência do marido se prolonga, a mulher passa a ter um maior número de sentimentos negativos ou destrutivos (82,2%): conformismo (27,4%), angústia (25,8%), inveja (24,2%), nenhum sentimento (11,3%), liberdade (6,4%) e rejeição (4,8%). É, sobretudo, devido aos sentimentos de angústia, inveja e rejeição, que muitas das entrevistadas anseiam a volta do esposo

Grande número de pessoas na região de Governador Valadares acredita que as mulheres que possuem o marido no exterior tem a “*vida ganha*”⁴ sendo, portanto, consideradas, “*mulheres de sorte*”. Segundo o censo comum, estando o marido recebendo em dólar, elas poderão ter tudo aquilo que desejarem.

No entanto, quando se busca responder à questão *Como as mulheres vítimas do isolamento sexual analisam a situação por elas vivenciadas?*, percebe-se que, para muitas, o dinheiro não pôde comprar tudo o que desejaram. Isso se dá pelo fato de que grande parte delas (70,3%) desejam estar novamente perto do marido.

Dentre as entrevistadas, um pequeno número de mulheres envolvidas nessa situação acredita que o casamento com o emigrante foi um golpe de sorte. Para a maioria, o estar longe da pessoa amada, não poder contar com seu

⁴ No sentido de não mais precisarem trabalhar e continuar tendo recursos financeiros.

parceiro sexual, ter que cuidar sozinhas dos filhos e não ter com quem compartilhar os casos do dia-a-dia quando a noite chega, é muito mais motivo de tristeza do que de alegria. Convém salientar aqui o desabafo de uma delas que, embora não com as mesmas palavras, é compartilhado por outras: “*Não desejo essa situação nem para o meu pior inimigo!*” (P. 32 anos).

Referências bibliográficas

- ALENCAR, E. M. L. Soriano de. *Psicologia: Introdução aos princípios básicos do comportamento*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1976. p 175-191.
- BRAGA, B.; MAZZINI, L. *Valadarenses de olho na TV*. 2001. <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/brasil/2001/09/12/jorbra20010912027.html> 11 de março de 2004
- FADIMAN, J.; FRAGER, R. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Harbra, 1986, p. 232-234.
- FRANÇA, J. L. *Manual para normatização de publicações técnico-científicas*. 5ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001
- GUIMARÃES, M. C. *Maslow e Marketing – Para Além da Hierarquia das Necessidades*. Unaf: MG, 2001. Disponibilidade e acesso: <http://www.unifran.br/daltro/site/marketing/abril/Maslow%20e%20Marketing.htm>. 20 de Abril de 2004.
- HALL, C. S; LINDZEY, G. *Teorias da personalidade*. 9ª ed. São Paulo: EPU, Ed da Universidade de São Paulo, 1973, p. 360-362.
- KUSNETZOFF, J. C. *O homem sexualmente feliz: Do mito à verdade científica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- PATARRA, N. L. *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo. Programa interinstitucional de avaliação e acompanhamento das migrações internacionais no Brasil*. Volume 1. Campinas: FNUAP, setembro de 1995.
- PUGET, J.; BERESTEIN, I. *Psicanálise do casal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- REICH, W. *A revolução sexual*. São Paulo: Círculo do livro: 1966
- SCUDELER, V. C. *A Inserção de Imigrantes Brasileiros no Mercado de Trabalho dos EUA*. Campinas: Unicamp, 1999. Disponibilidade e acesso: <http://www.comciencia.br/reportagens/migra%E7%F5es/migr17.htm>>. 11 de março de 2004.